

TORPOR

EPISÓDIO 03 - MAR DE PAPOULAS

[Leonardo Aquino]: Se você tá ouvindo essa série desde o início, talvez lembre de uma coisa que eu falei no primeiro episódio. Que o assunto “ópio e derivados” virou uma obsessão aqui na minha casa bem antes desse podcast existir. Mas tem uma parte dessa obsessão que eu deixei pra te contar só agora.

[Leonardo Aquino]: (sons de digitação) Como... cultivar... papoula...?

[Leonardo Aquino]: Você já viu uma papoula?

[Leonardo Aquino]: (sons de digitação) Qual... o melhor... clima... para plantar... papoula?

[Leonardo Aquino]: Talvez você ainda não esteja imaginando a mesma papoula que eu. É que em algumas regiões do Brasil, tem uma flor de hibisco que pode ser vermelha ou amarela e também é chamada popularmente de papoula. Mas eu tô falando da espécie conhecida como papoula dormideira. Nome científico: *Papaver somniferum*. Se já tiver visto a foto de uma dessas, talvez tenha ficado tão impressionado quanto eu. É uma planta que tem flores lindíssimas. As pétalas geralmente têm um formato de concha e são tão delicadas que parecem feitas de papel crepom. Elas também têm uma grande variedade de cores.

[Leonardo Aquino]: Tem aqui o que ele chama de papoula roxa uva, que é um roxo bem forte. Aí tem uma aqui: raríssima rosa, que é um rosa bem clarinho com branco.

[Leonardo Aquino]: Além das flores, a papoula tem outro elemento muito característico: uma cápsula verde no formato de um ovo pequeno de galinha, com uma coroa no topo. Depois que a papoula floresce, as pétalas caem em

poucos dias. E o que fica lá, ainda amadurecendo, é a cápsula. É nela que ficam as sementes. Centenas delas.

[Leonardo Aquino]: (sons de digitação) Onde... comprar... semente... de papoula?

[Leonardo Aquino]: E mesmo não sendo versado na arte da jardinagem, eu queria ter uma primeira experiência com essa planta específica. Aí eu encontrei anúncios de sementes na internet. Uns, inclusive, com um passo a passo bem detalhado sobre o cultivo.

[Leonardo Aquino]: Após definido o local de semeadura, deposite de três a cinco unidades por cova. As sementes jamais deverão ser cobertas por muita terra. Recomendo a preparação de uma cama de semeadura de até 2 centímetros de altura composta por uma mistura de turfa, berlita e vermiculita. Não sei o que é isso.

[Leonardo Aquino]: Só que eu vou confessar: eu fiquei boiando nas instruções do plantio e acabei ficando preso mesmo nas perguntas dos usuários dos sites de anúncios.

[Leonardo Aquino]: Boa noite. Essa daqui produz aquela substância do oriente? Resposta do vendedor: Látex? Interrogação.

Esta é a que produz o leite opioide?

Essa é a papoula dormideira, correto? A verdadeira, se é que me entende.

Essa é a que se extrai ópio? Resposta do vendedor: sim.

[Leonardo Aquino]: Pois é. Essa é a planta que originou toda a história que a gente tá contando nesse podcast. E eu queria ver uma de perto, nem que plantasse num canteiro aqui em casa. Mas antes de me aventurar, eu precisava tirar uma dúvida. Aí foi quando eu fiz uma entrevista com o Thiago.

[Thiago Brasil Silvério]: Meu nome é Thiago Brasil Silvério. Sou farmacêutico de formação.

[Leonardo Aquino]: O Thiago é servidor de carreira da Anvisa, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

[Thiago Brasil Silvério]: Sou servidor aqui na agência desde 2005. Desde 2005 na área de produtos controlados.

[Leonardo Aquino]: Quando a gente conversou, em novembro de 2023, o Thiago tava no cargo de gerente substituto da área de produtos controlados. Era a pessoa certa pra responder às minhas perguntas.

[Leonardo Aquino]: Cultivar uma Papoula é proibido? A venda das sementes é permitida?

[Thiago Brasil Silvério]: Não, na verdade, com relação à planta, é proibição absoluta¹. Não existe nenhuma possibilidade para cultivo. Ela, na verdade, a questão da papoula é a mesma da cannabis, por exemplo. A gente tá identificando agora, elas caem exatamente na mesma regra. Não tem cultivo permitido. Isso aí a lei de drogas é clara quanto a isso.

[Leonardo Aquino]: Bom, não sei como é pra você. Pra mim, não tem curiosidade que me faça correr conscientemente o risco de perder o réu primário. Mas, na conversa com o Thiago, eu encontrei uma ideia pra ter um contato com a papoula dentro da lei.

[Thiago Brasil Silvério]: O caso da semente da papoula é uma medida já antiga em que se considerou sementes não germinativas, comprovadamente não germinativas para uso alimentício, né?

[Leonardo Aquino]: Não germinativas. Uso alimentício. Aquelas sementes que saíam às centenas de dentro de uma cápsula de papoula podem ser usadas na gastronomia. Os usos mais comuns são em bolos, pães, biscoitos, tortas e

1

<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/medicamentos/controlados/lista-substancias#:~:text=Lista%20%E2%80%9CE%E2%80%9D%3A%20Papaver%20Somniferum%20L..>

saladas. No Brasil, são consideradas especiarias raras. É que elas são produzidas fora do país e, por causa da relação da planta com o ópio, a burocracia da importação é muito grande. Mas eu consegui encontrar um fornecedor nacional que vende online e entrega em todo o país.

[Leonardo Aquino]: Bom, chegou aqui o pacote da papoula, das sementes.... Tô aqui tirando.... da embalagem...

[Leonardo Aquino]: E essa burocracia que eu falei tem impacto direto no preço. Paguei 88 reais num pacote com 100 gramas de sementes.

[Leonardo Aquino]: Rapaz, ela é muito pequenininha.

[Janaína Versiani dos Anjos]: Rapaz, te venderam foi chia. É chia e tu tá achando que é semente de papoula. Vai, besta. Minha gente, parece chia só que é meio cinza. É meio estranhinha, mas é uma chiazinha.

[Leonardo Aquino]: (sons de mastigação)

[Janaína Versiani dos Anjos]: (risos)

[Leonardo Aquino]: Assim... Sabor de semente.

[Janaína Versiani dos Anjos]: Mas tem um sabor de anis. Um sabor meio adocicado. Lembra anis, lembra erva doce.

[Leonardo Aquino]: Lembra erva doce.

[Janaína Versiani dos Anjos]: No final parece uma castanha.

[Leonardo Aquino]: No final, parece uma castanha mesmo. Daqui a alguns minutos a gente vê se ficou...

[Janaína Versiani dos Anjos]: Doidão.

[Leonardo Aquino]: Doidão. Risos.

[Leonardo Aquino]: Se hoje é tão difícil comprar essas sementes que estão dentro das regras, e se cultivar a papoula pode trazer problemas com a lei, é porque já aconteceu muita coisa relacionada com o ópio. São milhares de anos de uso e abuso. Essa substância já foi considerada um elixir divino. Também foi uma mercadoria de altíssimo valor quando as rotas comerciais intercontinentais estavam se aperfeiçoando. No século 20, os derivados do ópio se inseriram em contextos geopolíticos muito relevantes, especialmente o da política global de guerra às drogas. São muitos fatos, mas todos fundamentais para entender que a crise dos opioides no século 21 tem vários

elementos que já foram vividos em outras épocas. E a gente vai tentar te contar tudo o que tem de mais importante nessa história a partir de agora. Eu sou Leonardo Aquino e este é Torpor, um podcast produzido pela Apneia Conteúdo com o apoio do Instituto Serrapilheira e do Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas da Fundação Gabo.

Episódio 3, "Mar de Papoulas".

Assim como os outros episódios desta série, este aqui vai ter vários momentos de conversas e reflexões que eu gravei com a Janaína Versiani dos Anjos, minha companheira de vida e consultora científica do podcast.

[Leonardo Aquino]: E agora vamos passar pro episódio 3. É o nosso episódio de humanas, por assim dizer. E embora eu seja a pessoa de humanas dessa casa, você é a pessoa de exatas, você é muito instigada com essas histórias todas de guerra do ópio, Afeganistão, né? Tem uma história em específico que te pegou mais dessas todas?

[Janaína Versiani dos Anjos]: As Guerras do Ópio, como elas surgiram, né? É algo que me pegou demais porque tem toda aquela questão do imperialismo britânico, eu acho que tem muito estigma relacionado ao ópio que vem desde a época, dessa época da guerra do ópio com os chineses. E eu acho que o que talvez tenha sido a informação mais surreal que a gente não tinha, não no sentido de "nossa, meu Deus, que impossível de acontecer", mas é porque a gente não tinha ideia de que o Afeganistão, naquela confusão todinha com o Talibã e tudo era o maior produtor de ópio do mundo. Então a gente não tinha a menor ideia disso.

[Leonardo Aquino]: Mas antes de chegar nas Guerras do Ópio do século 19 e no Afeganistão dos séculos 20 e 21, a gente tem muito chão pra percorrer. É que o consumo do ópio pela humanidade é muito antigo. As evidências mais concretas falam em pelo menos 5 mil anos atrás². E a gente pode atribuir o início dessa história a um pouco de sorte e, vá lá, a uma espécie meio rudimentar de método científico.

Tente imaginar quantas espécies de plantas existem no mundo. Deve ser algo na casa das centenas de milhares, no mínimo. Dentro desse universo enorme,

² <https://www.scielo.br/j/rba/a/jphPg6dLHxQJDsxGtgmhjfJ>

nem todas as plantas são comestíveis por humanos. Então, nossos antepassados que iam atrás de alimento na natureza certamente entraram numa longa jornada de tentativa e erro até montarem um cardápio minimamente interessante. Nesse caminho, muita gente deve ter passado mal, se envenenado ou pelo menos ficado com um gosto ruim na boca.

O fato é que, no meio dessa busca, teve alguém que encontrou um campo cheio de plantas que chegavam até a altura da cintura e tinham a cápsula que eu descrevi alguns minutos atrás: verde, com uma coroa em cima. E aí, movido por curiosidade ou necessidade, esse nosso antepassado talvez tenha dado uma mordida nessa cápsula. Se ele realmente fez isso, e vou deixar claro que é apenas uma hipótese ficcional, ele deve ter sentido a cápsula soltar uma seiva bem amarga. Não gostou, continuou com fome e continuou a procurar comida. Só que um tempo depois, ele começou a se sentir... diferente. Relaxado. Sonolento. As dores da longa caminhada tinham passado. Aquela planta amarga tinha algo de especial. E uma novidade dessas não podia ficar em segredo.

[Carlos Torcato]: Esse produto, ele é conhecido desde a pré-história. E ele tem uma qualidade que não se encontra em outros produtos naturais do tipo, que é o quê? Ele é um analgésico natural.

[Leonardo Aquino]: Esse é o Carlos Torcato. Ele é historiador e professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

[Carlos Torcato]: Era um grande produto comercial que se espalhou pelo mundo todo desde a antiguidade, tá? Desde antes da história, isso aí tá nos circuitos de comércios mais antigos.

[Leonardo Aquino]: Ele me explicou que essa presença nos circuitos comerciais da Idade Antiga tem um motivo determinante. A papoula do ópio é nativa de um local estratégico para aquela época: uma região chamada Coração, uma parte da antiga Pérsia que ficava entre os territórios atuais do Irã, do Afeganistão e da Turquia.

[Carlos Torcato]: Coração que está no centro do mundo, né? Nesse sentido que estava no centro do mundo justamente, porque eles ligavam o ocidente e o Oriente né? Então assim o ópio não é nem do ocidente nem do oriente, nem da China nem do ocidente. É esperado

que uma substância com essas qualidades numa região de trânsito que liga o oriente ao ocidente, né, com todas as qualidades, ela fosse presente em todas as culturas. Então quando teve a escrita, já estava ela lá, né? Então a gente consegue achar na Mesopotâmia desde 3.000 antes de Cristo nas tabuinhas, aquelas cuneiformes.

[Leonardo Aquino]: Nos escritos dessa época, deixados pelos sumérios, a papoula é descrita como “planta da alegria”. A descoberta se espalhou, assim como uma informação muito importante. O efeito não estava nas sementes, e sim na seiva. Era preciso fazer incisões na cápsula para extrair esse líquido viscoso e, a partir daí, colocar a criatividade para funcionar.

[Carlos Torcato]: Em 1200 antes de Cristo, a gente já sabe que o Egito usava o ópio misturado no vinho, como pomadas, como cápsulas. Eles já tinham assim vários tipos de consumo. Vamos dizer assim, já tinha, vamos dizer assim, já era, já tinha uma manufatura do negócio assim, né?

[Leonardo Aquino]: Outra sociedade antiga que consumia regularmente o ópio era a Grécia. O nome “ópio”, inclusive, é derivado de uma palavra grega que significa “suco”. Lá, ele estava presente desde a mitologia até o cotidiano.

[Carlos Torcato]: Era muito comum quando os gregos iam pros lugares, eles faziam as plantações de papoula e aquelas plantações para fazer chá, né? Chazinho que eles davam, inclusive, para acalmar os bebês e tudo.

[Leonardo Aquino]: Os gregos também usavam o ópio na eutanásia. A palavra é derivada de um conceito muito comum na época, a Boa Morte. Quando uma pessoa tava em sofrimento prolongado e irreversível, era natural aceitar que ela pudesse simplesmente deixar esse mundo.

[Carlos Torcato]: E o ópio fazia parte desses momentos assim, né? De fazer esse tipo de ritual assim.

[Leonardo Aquino]: Hipócrates, o grego que é considerado o pai da Medicina, prescrevia um suco da papoula como laxante e como narcótico, sem saber que a planta também aliviava a dor. A propriedade analgésica só foi amplamente

reconhecida a partir dos romanos. E na Roma antiga, surgiram várias formulações e tendências que ganharam o ocidente inteiro.

[Carlos Torcato]: Começou a se popularizar o ópio na forma líquida. Eles misturavam o ópio com maconha, cânhamo, né? Com solanáceas, outras substâncias alucinógenas que tem, tá? E daí eles davam, era meio que um vinho calibrado assim, né? Todo mundo sai de órbita e depois volta e tá tudo certo.

[Leonardo Aquino]: O uso do ópio diminuiu no ocidente depois da queda do Império Romano, no século quinto depois de Cristo. Mas os comerciantes árabes conseguiram espalhar o produto por outros lugares, como o Norte da África e regiões mais distantes da Ásia. Além disso, também introduziram novas formas de consumo.

[Carlos Torcato]: Os árabes popularizaram isso também tomando com café, por exemplo. É muito comum. Na Turquia, existe até hoje o café com ópio que você pode tomar. Então assim, né? Então ele é um produto assim que acabou ganhando os corações assim.

[Leonardo Aquino]: Ganhou os corações e marcou presença em várias culturas alterando estados de consciência, acalmando o espírito e curando doenças. Mas, com o perdão do trocadilho, esse não foi um processo sem dor. Especialmente quando o mundo deu os primeiros passos rumo à globalização.

Vou te propor agora um jogo de associação. Imagina uma folha de papel com um risco no meio. De um lado, tem as bandeiras de dois países: Inglaterra e China. Do outro lado, tem os desenhos de dois produtos: chá e ópio. Se eu te pedir pra ligar um país a um produto, é muito provável que você ligue a Inglaterra ao chá e a China ao ópio. Se o critério da resposta for a tradição, OK, a resposta certa é essa mesmo. Mas se a gente for pensar nas origens dos produtos, o gabarito é exatamente o contrário. A China vendia chá pra Inglaterra. E a Inglaterra vendia o ópio pra China. E essa conexão não era exatamente amistosa. Rendeu até guerras. Mas até chegar nesse ponto da história, muita coisa aconteceu.

Como eu te expliquei agora há pouco, a papoula não é uma planta nativa da China. O ópio é um produto de fora que chegou lá por volta do século 10º depois de Cristo, trazido primeiramente pelos comerciantes árabes e islâmicos.

No começo, era um hábito restrito à elite chinesa. Mas depois, o consumo se disseminou, especialmente depois de outra novidade introduzida pelo comércio internacional: o tabaco.

[Carlos Torcato]: O tabaco é a droga mais poderosa. Sim, sem sombra de dúvidas. porque quando os europeus descobriram elas aqui, quando chegaram em 1500, demorou só um século: ele já tava no mundo todo.

[Leonardo Aquino]: No mundo todo, inclusive na China, que tava inserida nas rotas de comércio internacional do século 16. Naquele momento das relações comerciais, os chineses só se interessavam por um produto vindo de outro país: a prata. Só que eles acabaram gostando muito dessa planta de fumar.

[Carlos Torcato]: Então começa a aceitar o tabaco. Daí os chineses aceitam o tabaco e o que os chineses fazem? Começam a ver que tá tendo problemas ali na balança, né? Porque também tem essa questão, né? Daí eles pegam e pum: proíbem o tabaco.

[Leonardo Aquino]: A proibição foi uma medida tomada pra tentar reequilibrar o comércio, já que a China tava comprando mais tabaco do que vendendo outros produtos. O problema é que essa decisão teve um efeito que não tava previsto.

[Carlos Torcato]: Com essa repressão, qual é a saída que os caras acham? Bom, começa a misturar com ópio. E daí nasce um produto que é o madak, que ficou conhecido durante um tempo, tá? E gradativamente o ópio vai substituindo o tabaco, tá? Daí tu tem esse consumo de ópio assim se popularizando.

[Leonardo Aquino]: Nasceu aí o hábito de fumar ópio, que se estabeleceu em todas as classes sociais e se consolidou como uma cultura. O ópio consumido pelos chineses nessa época vinha principalmente de entrepostos comerciais de holandeses e portugueses na Ásia. Mas tinha um terceiro fornecedor envolvido nesse abastecimento: a Inglaterra, que precisava manter boas relações comerciais com os chineses por causa do chá. Só que a balança tava desfavorável pros ingleses, que compravam muito mais do que vendiam. O império chinês, na época, tinha uma postura auto suficiente: achava que não precisava de nenhum produto vendido pelos europeus.

Foi quando os ingleses perceberam que podiam furar essa autossuficiência e que tinha um produto que eles podiam vender pra China e vender muito: o ópio. A logística era muito favorável. Os ingleses plantavam a papoula e manufacturavam o ópio na Índia, que era uma colônia britânica na época. Além disso, tinham uma empresa estatal com a missão de promover o comércio na Ásia: a Companhia das Índias Orientais. Só que a dinastia Qing, que assumiu o império chinês no meio do século 17, passou a não curtir muito esse negócio.

[Carlos Torcato]: Essa nova dinastia que ascende, tá, ela vai ter uma perspectiva que a relação da China com o resto do mundo tá ruim. Os caras assim mudam totalmente a política externa assim para uma China fechada. E a popularização do ópio é visto como um desses elementos de depravação estrangeira. Então o que que acontece? Começam a ter esses movimentos, né, do governo chinês e tentar restringir o uso do ópio também, né? Mas isso tem a ver com essa questão mais moral.

[Leonardo Aquino]: E foi aí que surgiu o primeiro decreto do governo chinês proibindo o ópio em 1729. Mas essa proibição não inibiu os ingleses. A Companhia das Índias Orientais usava intermediários e pagava propina a autoridades para traficar ópio na China. A estratégia deu tão certo que, no início do século 19, a balança comercial já tava azul pra Inglaterra. O volume de ópio inglês que chegava à China bateu em 1500 toneladas por ano. O imperador chinês reagiu. Mandou organizar operações para apreender o ópio ainda nos portos e jogá-lo ao mar. E uma dessas abordagens terminou em tragédia. Um oficial chinês foi morto por marinheiros ingleses que se recusaram a entregar a carga. Não demorou pra esse episódio virar um incidente diplomático. E como a gente tá falando de uma época em que nem tudo se resolvia na conversa, pra virar um conflito foi um pulo.

A primeira Guerra do Ópio começou em 1839. E embora ela tenha sido batizada assim, não era só o ópio que estava em jogo. Para os ingleses, e para o ocidente como um todo, tinha uma coisa muito mais ampla.

[Carlos Torcato]: Esse nome é Guerra do Ópio, mas não era só do ópio, era abertura do comércio como um todo, da abertura do comércio com a China. Então essa guerra foi a guerra que permitiu ao ocidente acessar de fato o mercado chinês assim

[Leonardo Aquino]: Do lado da China, uma versão consolidada da história é que o império reagiu porque a sociedade tava tomada pelo flagelo do vício. Mas, nas últimas décadas, a historiografia sobre a Guerra do Ópio tem sido revisitada. Primeiro, porque a China também tinha interesses econômicos envolvidos. A abertura do comércio exterior era vista como uma ameaça. Segundo, porque essa visão de uma população inteira viciada não leva em consideração que o ópio fazia parte da cultura.

[Carlos Torcato] Para eles, o ópio era um símbolo de hospitalidade. Você chegava, a pessoa chegava, eu sei que é parecido com o chá inglês assim, né? Ah, vamos ali tomar um chazinho e ficar conversando e tal. Era uma coisa meio nesse sentido assim, né? Pensar que o consumo de ópio era uma epidemia ignora o fato de que a grande maioria dos usuários de ópio não faziam consumos crônicos, mas sim consumos habituais que em geral não traziam problemas cotidianos, né?

Aquela imagem que a gente tem, né, que foi muito propagada, inclusive pelos missionários, de aquele monte de gente fumando ópio magro, doente. Só que isso não condiz com o que é a maioria dos usuários. Mas o ópio, ele virou esse símbolo da presença estrangeira, da submissão, da derrota chinesa, né?

[Leonardo Aquino]: Pois é, derrota chinesa. As duas nações poderiam até dialogar de igual pra igual no comércio. Mas, na força militar, a China não teve como fazer frente à Inglaterra. Foram três anos de guerra, que terminaram com muito mais do que vidas perdidas. O marco final do conflito foi a assinatura do Tratado de Nanquim, que, na perspectiva chinesa, não foi um acordo exatamente justo. Foi esse tratado que transformou Hong Kong em uma colônia britânica, condição que permaneceu por mais de 150 anos. Além disso, cinco cidades chinesas foram abertas para o livre trânsito de cidadãos ingleses e para o livre comércio. E, se você achou pouco, a China ainda precisou pagar uma indenização à Inglaterra pelos soldados que morreram na guerra e pelo ópio que foi derramado no mar.

Não é à toa que esse é o marco inicial do que os chineses chamam de “século da humilhação”. Menos de 20 anos depois, a China voltou a entrar num conflito com a Inglaterra, que dessa vez estava aliada com a França. Foi a chamada

“Segunda Guerra do Ópio”, que terminou com nova derrota chinesa e novas condições desiguais impostas pelas potências ocidentais. Dessa vez, foram mais onze portos abertos para o comércio internacional. O protecionismo do Império Chinês acabou na marra.

[Leonardo Aquino] Guerra do Ópio, assim... Não foi apenas sobre ópio, né?

[Janaína Versiani dos Anjos]: Não, não foi sobre o ópio, foi sobre imperialismo. A Inglaterra não queria perder nada. A Inglaterra não queria ter prejuízo. Às vezes eu não sei se passa pela nossa síndrome de vira-lata ou se passa pela nossa adolescência, em que a gente gostava muito de brit rock e brit pop, que a gente tinha um culto aos ingleses. (risos) E quando a gente começa a estudar história, a gente começa já a... "não é bem assim". Então hoje eu tenho um pouco de raiva de inglês sim. E depois que eu li um pouco sobre Guerra do Ópio, foi que tive mais raiva ainda, né?

[Leonardo Aquino]: Agora uma coisa também que eu fiquei curioso assim que me instigou nesse rolê todo da guerra do ópio é que o que veio depois foi uma espécie de pré-história da crise de opioides nos Estados Unidos, ali naquela virada do século 19 por 20, já um pouco depois da Segunda Guerra do Ópio, né?

[Leonardo Aquino]: Um hábito visto como um mal social nos Estados Unidos. Nos jornais das principais cidades americanas, muitos relatos sobre o aumento do consumo abusivo. Homens e mulheres entregues à dependência. Essa descrição se encaixa facilmente nos Estados Unidos do século 21 e na cruzada contra os opioides, sejam eles legais ou ilegais. Mas não era nesse contexto que eu estava pensando quando eu escrevi. Eu estava me referindo aos Estados Unidos em outro recorte temporal: a virada do século 19 pro século 20. E é impressionante a coincidência: nessa época, quase 150 anos atrás, as substâncias vistas como uma ameaça à sociedade americana eram os opioides.

No início dos anos 1800, o ópio e seus derivados eram facilmente encontrados nas farmácias americanas. Tinha ópio injetável, morfina em comprimidos, várias apresentações para várias indicações: dor, cólica, tosse, diarreia, insônia. Eram medicamentos legais e baratos. Mas, no meio do caminho teve uma guerra. E essa guerra ajudou a mudar o patamar de consumo dessas substâncias.

A Guerra Civil Americana aconteceu entre 1861 e 1865. E, como todo conflito armado, terminou com muitos feridos, mutilados e amputados. Além disso, a insalubridade nas trincheiras fez com que muitos militares tivessem casos graves de disenteria. A morfina passou a ser amplamente usada no tratamento dos soldados ainda durante a guerra. Muitos sobreviventes voltaram pra casa com problemas crônicos de saúde e continuaram usando os opioides para se tratar. E, com acesso irrestrito às substâncias, esses militares se tornaram dependentes.

O consumo começou com os veteranos de guerra e acabou se espalhando. O ópio passou a ser visto como um problema maior que o álcool pra sociedade americana, que, nessa época, debatia a proibição do consumo de bebidas. Foi aí que os Estados Unidos acabaram encontrando uma pauta em comum com um país que já tinha tido experiências de proibicionismo algumas décadas antes.

[Carlos Torcato]: Os chineses, eles têm então uma predisposição a aceitar uma política de proibição por conta disso. A novidade aqui é os Estados Unidos, tá?

[Leonardo Aquino]: Esse é o historiador Carlos Torcato, que a gente já ouviu neste episódio. Ele me contou que, na mesma época em que o ópio se espalhou pelos Estados Unidos, muitos imigrantes chineses chegaram ao país. Essa migração em massa, motivada especialmente pela corrida do ouro na Califórnia, incomodou a sociedade norte-americana e gerou um atrito com a China.

[Carlos Torcato]: E isso culminou com uma coisa inédita no país, que é o ato de expulsão dos chineses. Os chineses foram expulsos dos Estados Unidos. Aí você vê o grau de belicosidade que estava nas relações, tá? Esse é o momento em que o movimento proibicionista dos Estados Unidos começa a ganhar uma certa proeminência assim, né?

[Leonardo Aquino]: Ao longo do século 19, várias cidades e estados americanos foram construindo leis de proibição do álcool que acabaram tecendo uma política nacional sobre o assunto na virada para o século 20. Do outro lado do mundo, a China também adotava medidas semelhantes. Em 1906, o império chinês voltou a proibir o ópio, quase 200 anos depois da

primeira tentativa de banimento. Mas não foi só proibição. Foi uma política de repressão severa ao consumo. E aí os Estados Unidos, que já começavam a sofrer com o ópio também, olharam pra China e pensaram: “é, talvez a gente não precise ser inimigo”.

[Carlos Torcato]: Então essa pauta da proibição às drogas era uma pauta comum possível entre Estados Unidos e China. Então ela foi muito usada pelo governo dos Estados Unidos como uma forma de tentar reaproximar os dois países.

[Leonardo Aquino]: E numa época muito antes da fundação da ONU, americanos, chineses e mais 11 países se juntaram para realizar um grande evento: a Conferência Internacional do Ópio. O ano era 1909. E o curioso é que embora a reunião tenha sido realizada em Shangai, na China, ela foi mobilizada pelos Estados Unidos. Os participantes eram quase todos países do Ocidente, como Alemanha, França, Grã Bretanha e Holanda. O principal debate era sobre medidas para acabar com o tráfico internacional de ópio. Pesquisando jornais antigos, eu encontrei uma edição do Boston Globe, um dos maiores diários americanos até hoje, que noticiou assim a abertura da Conferência:

“Guerra mundial contra o ópio. É a primeira vez em mais de sessenta anos que uma ação internacional é tomada contra o mal”

Esse debate não terminou na conferência de Shangai. Continuou por mais alguns anos. E, nessa época, o tom nos jornais americanos era sempre o mesmo. “Uma luta do bem contra o mal”. “Os Estados Unidos liderando as potências mundiais numa cruzada muito importante”. Parece familiar, né? Pois era o conceito de “guerra às drogas” que a gente conhece hoje sendo gestado. E a certidão de nascimento foi a Convenção Internacional do Ópio, assinada em Haia, na Holanda, em 1912. Esse documento é considerado o primeiro tratado internacional sobre o controle de drogas. Os países signatários se comprometeram a empregar esforços pra controlar a fabricação e o tráfico de ópio, morfina e outras substâncias. Poucos anos depois, os termos do tratado passaram a vigorar em nível mundial.

[Leonardo Aquino]: Isso também me pegou. O ópio, aquele mesmo ópio de sociedades antigas, né? Que depois virou uma moeda ali do comércio da época das navegações, que gerou essa crise da

Inglaterra-China. Esse mesmo ópio, ele acabou sendo de alguma forma ali importante na gênese do conceito da guerra às drogas. Porque a partir dali que começou a se estruturar, capitaneada pelos Estados Unidos, uma política global de enfrentamento.

[Janaína Versiani dos Anjos]: É estranho porque a morfina continua sendo produzida e continuou sendo utilizada pelas grandes farmacêuticas e continua tendo a sua estrutura manipulada. Então foi guerra para quem? Nunca houve uma política de não produção. Inclusive é algo que algumas nações fazem: "vou lavar minhas mãos, eu não produzo, mas eu compro".

[Leonardo Aquino]: A morfina eu acho que tem 200 anos, talvez por aí e tal. E que certamente quando o primeiro cientista isolou a morfina ou isolou outro derivado do ópio. Enfim, ele certamente tinha uma intenção nobre de aliviar a dor, né? Não tinha como adivinhar no que ia se tornar hoje, né?

[Janaína Versiani dos Anjos]: Não. Inclusive, quando começou-se a observar os efeitos deletérios da morfina, começou-se a fazer isso que o químico medicinal faz, que é manipular a estrutura para que a gente tivesse uma droga melhor, uma droga ou mais potente ou com menos efeitos colaterais. E assim nasceu a heroína, né? A heroína nasceu da manipulação da morfina. Então, quem colocou a heroína no mercado foi a Bayer, né?³ Em 1898 a heroína entra no mercado para diminuir a tosse, né? E aliviar os sintomas de tuberculose e pneumonias. Lembre que naquela época não tinha antibiótico como tem hoje, né? Nos primeiros testes clínicos que eles faziam, que não são como os testes que a gente faz hoje, inclusive faziam com humanos também, eles tiveram a impressão de que a heroína era uma droga mais fraca que a morfina e que também aliviava os sintomas respiratórios, tal qual como a morfina, mas não tinha o potencial de adicção e nem os efeitos psicoativos que a morfina tinha. Então achava-se que era uma droga superior. Tanto é que eu acho que ela só ficou no mercado por 12, 15 anos. Não foi muito mais do que isso. Depois começou-se o uso recreativo da heroína nas ruas. Então, por isso que a heroína foi removida do mercado.

[Leonardo Aquino]: A reflexão que eu tive a partir disso, foi: quem é que media o que é legal e o que é ilegal?

[Janaína Versiani dos Anjos]: Capitalismo. É ele quem media.

[Leonardo Aquino]: Adorei. (Risos)

[Leonardo Aquino]: O capitalismo é quem media. E a história de 100 anos atrás e a de hoje se conectam. Para me ajudar a entender melhor essa ligação, eu procurei o Paulo Pereira.

[Paulo Pereira]: Então, eu sou um professor da área de relações internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalho com o tema de drogas desde o meu doutorado. E nos últimos anos, eu migrei para um debate a respeito de política internacional de drogas especificamente.

[Leonardo Aquino]: O Paulo me explicou que a jornada que termina com a explosão de consumo de opioides hoje em dia começa com a cultura do proibicionismo que eu mencionei agora há pouco e se refinou na virada do século 19 pro século 20.

[Paulo Pereira]: Porque o que que é o proibicionismo, né? Quando a gente fala proibicionismo, a gente tá falando de uma ideologia que carimba que determinadas drogas podem ter um consumo XYZ, enquanto um outro conjunto de drogas tem que ser reprimido, tem que ser extirpado da sociedade, é visto como um grande mal e tudo mais. E essa definição, então não tem uma base que seria uma base dos danos efetivos que essas substâncias causam para o indivíduo e a sociedade. Mas tá pautada em ideologias calcadas de um lado, né, em uma série de preconceitos, racismo etc, xenofobia e tudo mais, que foi construído ao longo do século XX, vinculando determinados grupos sociais às drogas. E, de outro lado, os interesses econômicos, né? Então isso é o proibicionismo.

[Leonardo Aquino]: Proibicionismo que, segundo o Paulo, tá na raiz da crise dos opioides do século 21.

[Paulo Pereira]: De um lado você tem uma série de preconceitos e tudo mais que vão demonizar determinadas substâncias e, de outro lado, você vai ter uma série também de concepções e interesses que

vão valorizar excessivamente o consumo de outras substâncias. No caso, por exemplo, determinados tipos de opioides que têm uma circulação muito particular, que é a circulação legal, capitalista.

[Leonardo Aquino]: Para entender melhor esse ponto de vista, bora voltar pro começo de tudo, a papoula. A partir dela, se produz a morfina, um medicamento fundamental para o tratamento da dor. E da morfina, sai a heroína, que, embora já tenha sido vendida em farmácias mais de 100 anos atrás, hoje é uma droga ilícita. Se hoje a gente consegue visualizar uma fronteira menos embaçada entre o legal e o ilegal, é porque tudo foi colocado no papel um dia. Ao longo do século 20, a ONU realizou três convenções internacionais sobre drogas: nos anos de 61, 71 e 88⁴. E essas convenções desenharam todo um conjunto de medidas para combater o tráfico e, ao mesmo tempo, garantir o uso médico e científico das substâncias.

[Paulo Pereira]: Os opioides são uma droga que estão sob controle internacional bem restrito. Mas nem por isso elas deixaram de se tornar mercadorias extremamente rentáveis internacionalmente. Então, de fato, os opioides entram nessa categoria ao serem classificados tanto como drogas que são drogas comerciais, mercadorias rentáveis e que circulam entre interesses que são de preocupação com indivíduo, do cuidado com a saúde e, ao mesmo tempo, também como mercadorias lucrativas e que geram capital para grandes empresas, né?

[Leonardo Aquino]: O problema é que quando essas grandes empresas entram na jogada, não tem quem segure. Às vezes nem mesmo o Estado. Foi o que aconteceu no caso que originou a primeira onda de overdoses nos Estados Unidos, que eu contei no episódio 1. A Purdue Pharma, uma grande empresa farmacêutica, inundou o país com um remédio chamado Oxycontin, um opioide potente que era receitado até para casos em que opioides não eram indicados. Também no episódio 1, eu falei que a Purdue usou evidências científicas frágeis para bancar a hipótese de que o Oxycontin tinha um risco de dependência muito baixo. Mas ela não conseguiu emplacar essa sem uma mãozinha do governo. Antes de lançar um produto no mercado americano, uma farmacêutica precisa aprová-lo no FDA, a agência que controla alimentos e medicamentos no país. E aí a Purdue conseguiu convencer o FDA não apenas

⁴ <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/drogas/marco-legal.html>

a aprovar o Oxycontin, como colocar na bula uma frase como essa: “Acredita-se que a absorção retardada provocada pelo Oxycontin reduz a possibilidade de abuso deste narcótico”. Não demorou muito pro uso abusivo explodir no país. Mas, antes disso, o comissário do FDA que trabalhava especificamente na regulação de opioides acabou saindo da agência e sendo contratado pela Purdue.⁵

[Paulo Pereira]: O caso dessa mercadoria que foi o estopim desse processo de consumo de opioides nos Estados Unidos diz muito a respeito disso: de um conluio, na verdade, né, de uma articulação entre corporações e a estrutura do Estado que é responsável por fazer o controle das drogas. No caso dos Estados Unidos, que é o FDA. Com porta giratória, com a valorização excessiva do marketing, do acesso das corporações aos próprios analistas dos processos de avaliação das drogas etc como se fosse uma uma facilitação, né, que viabilizou essa crise de consumo que a gente viu desde os anos 90, mas que explodiu ao longo das primeiras décadas dos anos 2000.

[Leonardo Aquino]: Quando promotores de justiça entenderam que a Purdue Pharma era a culpada pelas overdoses em massa, os processos penais começaram a pipocar de costa a costa dos Estados Unidos. Em um determinado momento, ficou difícil confrontar os fatos e a empresa reconheceu a responsabilidade legal sobre a crise dos opioides. Mas aí, a família Sackler, proprietária da Purdue e arquiteta de toda a estratégia de marketing do Oxycontin, fez uma manobra. Entrou com um pedido de falência da farmacêutica e assinou um acordo de 6 bilhões de dólares em indenizações em troca de imunidade nas ações penais⁶. Ou seja, ninguém da família Sackler foi penalizado individualmente.

[Leonardo Aquino]: Levando em consideração que os Estados Unidos têm a cultura do encarceramento e que a família Sackler, a dona da Purdue, está livre e ainda muito rica, que mensagem o senhor acha que esse desfecho comunica?

[Paulo Pereira]: Esse caso é exemplar, triste, enfim, chega a ser

⁵ <https://www.aol.com/lifestyle/dr-curtis-wright-took-job-161400107.html>

⁶

<https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2022/02/19/purdue-pharma-oferece-ate-us-6-bi-para-resolver-processos-por-opiaceos.htm>

assustador, né? A gente pode dizer assim. No qual fica expresso que a gente nunca deve imaginar que a gente tá falando de tratamentos iguais para pessoas consideradas diferentes. A gente tá falando de grandes corporações, você está falando de pessoas bilionárias, né. Nem milionários elas não são. Elas são bilionárias. Então a gente não tá falando de pessoas que são consideradas, né, pela lógica da guerra às drogas, pela lógica da violência estabelecida pelo proibicionismo como pessoas descartáveis, né? A gente tá falando de uma classe capitalista transnacional que tem uma capacidade enorme de proteção dos seus próprios interesses. Então, assim, é essa mensagem que passa.

[Leonardo Aquino]: No momento em que a gente fechou a edição deste episódio, o acordo da Purdue Pharma com a justiça americana tava sendo revisado pela Suprema Corte⁷. Os juízes decidiriam se o pedido de falência da empresa pode embasar a imunidade jurídica dos Sacklers sem o consentimento de todos os envolvidos no processo. E a situação gera um dilema. Se o acordo for mantido, ele abre uma jurisprudência para a impunidade em outros casos semelhantes. Se ele for desfeito, os Sacklers podem ser julgados, mas os estados americanos ficam sem o dinheiro que pagaria parte das indenizações pelas vidas perdidas para as overdoses.

[Paulo Pereira]: Esse é o recado. É um recado triste e violento e que mostra que a nossa política de drogas, ela é uma política, para dizer o mínimo, desigual.

[Leonardo Aquino]: Como a gente mencionou a Purdue Pharma em todos os episódios do podcast até agora, eu procurei a empresa para ouvir o outro lado. Mande uma mensagem pro e-mail que tá disponibilizado no site da Purdue como contato para demandas de imprensa. Expliquei que eu precisava de um posicionamento oficial sobre o pedido de falência e o acordo com a justiça. Mas não tive resposta.

Eu acabei encontrando, também no site da Purdue, um material relevante o suficiente pra cumprir o papel de contraponto. É um artigo assinado pelo presidente do conselho diretor da empresa, Steve Miller, e publicado num

⁷ <https://www.nytimes.com/article/purdue-pharma-supreme-court.html>

portal de notícias chamado The Stamford Advocate em dezembro de 2021⁸. E esse artigo é um extrato da postura da empresa no atual momento da crise dos opioides. Eu coloquei o link pra esse texto na página deste episódio no site do Torpor, www.torpor.com.br. Mas eu separei alguns dos principais pontos pra te contar aqui.

Steve Miller chama de lamentável a possibilidade de anulação do acordo fechado nos processos de falência da Purdue. Diz que ele teve o apoio de mais de 95 por cento dos 120 mil credores da empresa que tinham direito a voto. E que os termos da liberação de responsabilidade civil dos Sacklers foram negociados não só com os credores, mas também com procuradores estaduais após anos de investigação, litígios e mediação. Por fim, Miller reitera que todo o dinheiro pago pelos Sacklers está comprometido a ser usado exclusivamente no enfrentamento da crise dos opioides e que uma eventual anulação do acordo vai prejudicar centenas de milhares de vítimas.

Os opioides protagonizam essa crise na América do Norte e outra na Ásia. O Afeganistão, maior produtor de ópio do mundo, vive um dilema. Permitir o cultivo da papoula e manter a frágil economia do país girando? Ou bancar a proibição para pedir ajuda financeira internacional? É o assunto do próximo bloco.

=====

[Leonardo Aquino]: Na pesquisa para esse podcast, eu assisti a algumas reportagens em vídeo de veículos brasileiros e estrangeiros. A que mais me marcou foi uma feita pela rede britânica BBC no primeiro semestre de 2023⁹. E marcou tanto que vou até descrever alguns trechos.

A equipe de jornalistas está no Afeganistão. A primeira cena acompanha um comboio de carros numa estrada de terra.

[Repórter BBC]: This is a Taliban Anti-Narcotics Unit.

⁸

<https://www.stamfordadvocate.com/opinion/article/Opinion-Purdue-Pharma-chair-on-tragic-16740489.php>

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=W-gMRFEZOGY&t=174s>

[Leonardo Aquino]: É uma operação do Talibã, o grupo fundamentalista que voltou ao poder no Afeganistão em 2021 e governa o país desde então. Nessa missão, eles saem por áreas rurais atrás de plantações de papoulas.

E, sem muita cerimônia, começam a agir. Com facões do tamanho de espadas, eles destroem as plantas.

Em pouco tempo, tá tudo no chão: as papoulas e as cápsulas. Eles terminam, voltam pro comboio e logo chegam em outra plantação. Essa tá cheia de papoulas floridas, mas eles não querem nem saber. Repetem o serviço.

A repórter, que agora tá em quadro no vídeo, relata que, a cada golpe dado nas papoulas, dá pra sentir a seiva do ópio voando e o cheiro que ela deixa no ar.

Operações como essa são feitas para fiscalizar um decreto do líder supremo do Talibã. Em abril de 2022, ele proibiu o cultivo de papoula no país. E essa decisão foi surpreendente por alguns motivos. Primeiro, porque há algumas décadas o Afeganistão figura como o maior produtor de ópio do mundo, com estimativas que vão até a 80% de toda a produção do planeta¹⁰. E segundo, porque o ópio chegou a ajudar financeiramente a formação do Talibã e a primeira escalada do grupo até o poder no final do século 20. Pra entender mais esse cenário, eu não fui até o Afeganistão. Mas conversei com quem estuda o país há muito tempo.

[Áureo Toledo]: Pelo menos desde o meu mestrado, o Afeganistão teve destaque. Então, eu estudei no mestrado a reconstrução do país. E, depois, nas minhas pesquisas de pós-doutorado, eu voltei a estudar a reconstrução do Afeganistão, a visão institucional, né?

[Leonardo Aquino]: Esse é o Áureo Toledo.

[Áureo Toledo]: Sou professor de relações internacionais e estudos para paz na Universidade Federal de Uberlândia.

10

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0k9lejv7zko#:~:text=O%20Afeganist%C3%A3o%20costumava%20produzir%20mais%20de%2080%25%20de%20todo%20o%20%C3%B3pio%20do%20planeta.%20E%20a%20hero%C3%ADna%20produzida%20com%20o%20%C3%B3pio%20afeg%C3%A3o%20representava%2095%25%20do%20mercado%20europeu.>

[Leonardo Aquino]: Se você acompanha o noticiário, deve saber algumas coisas sobre o Afeganistão. É um país pobre, que fica na Ásia Central, vizinho ao Oriente Médio. No início do século 21, foi um dos alvos da Guerra ao Terror promovida pelos Estados Unidos e passou mais de 20 anos ocupado por militares americanos. Mas, na conversa que eu tive com o Áureo, eu entendi que, bem antes disso, o ópio já era um tema importante no país.

[Áureo Toledo]: Existem fontes que datam do meio dos anos 50, mais ou menos, o início do plantio de papoula no Afeganistão para cobrir a plantação que vinha sendo feita no Irã, foi banida lá e aí teve que procurar uma outra região para se instalar.

[Leonardo Aquino]: O negócio decolou mesmo quando o Afeganistão se viu no meio de uma disputa entre duas potências. Eram os anos da Guerra Fria e o país foi invadido por tropas soviéticas naquela disputa contra os Estados Unidos por áreas de influência política e econômica. Os americanos incentivaram a produção do ópio pra financiar a resistência anticomunista. Só que a Guerra Fria acabou e a atividade não parou de crescer.

[Áureo Toledo]: Mas vai ganhar um boom bastante grande sobretudo no período da Guerra Civil de 92 a 96, que é o final da Guerra Fria. E quando caem os financiamentos internacionais para os grupos beligerantes.

[Leonardo Aquino]: Na época dessa Guerra Civil, após a renúncia do presidente, eram sete grupos disputando o poder central no Afeganistão. E, aparentemente, erradicar o ópio não era uma pauta para eles.

[Áureo Toledo]: Dentro das principais fontes de recursos de vários desses grupos, estavam uma participação no tráfico internacional de drogas.

[Leonardo Aquino]: O Talibã venceu a disputa entre esses grupos insurgentes e assumiu o poder em 1996 pegando carona no que se tornaria um negócio cada vez melhor.

[Áureo Toledo]: O Talibã, nesse momento de emergência, ele vai então se aproveitar dos lucros dessa indústria para enfim se consolidar. Ele era quem garantia a passagem da droga pelo

território, né, o transporte. Garantir que as estradas estariam tranquilas e que a produção fosse escoada. E depois ele foi tendo, digamos assim, tributando as fazendas produtoras de papoula e ópio.

[Leonardo Aquino]: Era uma situação ganha-ganha pro Talibã. Ele estimulava uma atividade econômica que envolvia cada vez mais pessoas, envolvia uma área de cultivo cada vez maior e, embora ela fosse ilegal em um determinado ponto da cadeia, rendia um bom dinheiro em tributos informais, por assim dizer. Além disso, o Afeganistão tinha um poder muito grande pra controlar os preços e o mercado internacional. Só que no ano 2000, o Talibã tomou uma decisão que ia na contramão disso tudo.

[Áureo Toledo]: Há o primeiro banimento da produção de ópio no país.

[Leonardo Aquino]: Mas esse banimento, essa proibição, não teve nada a ver com algum desejo de proteger a população do consumo indiscriminado. Também não teve relação com a religião islâmica.

[Áureo Toledo]: Esse primeiro banimento foi, um, pra conseguir apoio internacional e o apoio e o reconhecimento internacional, permite a entrada de recursos e, dois, o Talibã tava enredado numa economia política do conflito, cujo financiamento vinha em parte do tráfico internacional de droga, do papel que o Talibã cumpria.

[Leonardo Aquino]: Em 2001, a produção de ópio no Afeganistão chegou a zerar como consequência da proibição¹¹. Mas, não sei se você lembra, aconteceram outras coisas por lá em 2001.

[Arquivo William Bonner]: Boa noite. O Afeganistão sofreu hoje a série mais pesada de bombardeios desde o início da Operação Liberdade Duradoura. Além da capital, Cabul, os americanos atacaram a cidade onde fica o quartel general da milícia Taliban.

[Arquivo Ana Paula Araújo]: Na fronteira do lado norte de Cabul, perdão, e ao sul do país, na cidade de Kandahar, também estão

havendo bombardeios e já foi confirmado agora há pouco a destruição ao menos parcial do aeroporto de Kandahar. Lá, fica uma base militar importante e também uma base dos Talibãs que fica lá em Kandahar.

[Leonardo Aquino]: O Afeganistão foi um dos primeiros alvos do que foi chamado de Guerra ao Terror. Pouco depois dos atentados de 11 de setembro, os Estados Unidos atacaram o país exigindo que o Talibã entregasse Osama Bin Laden, que supostamente estava escondido no Afeganistão, e desmantelasse qualquer tipo de suporte dado à organização terrorista Al Qaeda. Como isso não aconteceu, o exército americano deu início a uma ocupação que durou duas décadas. Construiu várias bases militares espalhadas pelas grandes cidades afegãs e expulsou o Talibã do poder.

[Áureo Toledo]: O Talibã teve que buscar recursos para se reorganizar. Ele vai voltar então a participar do tráfico internacional de drogas. E aí vai fazer com que o Afeganistão volte a ter um destaque no cenário Internacional na produção de drogas.

[Leonardo Aquino]: Em 2002, com a proibição revogada e o interesse direto do Talibã, a produção de ópio já estava retomada no patamar dos anos anteriores, acima de 3 mil toneladas por ano. E daí pra frente foi crescendo ainda mais. Chegou ao pico em 2017, com 9 mil toneladas produzidas e uma participação robusta no mercado mundial de heroína.

[Áureo Toledo]: A participação do Talibã era garantir a segurança dos traficantes de droga no Afeganistão e algum tributo, né? Eles recebiam por esse serviço. Então eles tinham essa essa, digamos assim essa tarefa que lhes dava alguns recursos significativos. Quando a gente chega próximo de 2018-20, ele é um grupo insurgente com um orçamento bastante robusto: 416 milhões de dólares eram oriundos da participação do Talibã nessa cadeia.

[Leonardo Aquino]: Em agosto de 2021, o governo Joe Biden decidiu trazer as tropas americanas de volta do Afeganistão depois de 20 anos de ocupação. E poucos dias depois disso, o Talibã reassumiu o poder no país. Aí imagina só. Muito dinheiro em caixa, poder retomado, grande momento pra mandar e desmandar no mercado mundial de ópio, certo? Pois em abril de 2022, rolou um repeteco daquela decisão do começo do século. Cultivo de papoula e

produção de ópio proibidos¹². E aí a gente chega ao contexto da reportagem da BBC que eu te descrevi alguns minutos atrás. O Talibã criando divisões anti-drogas pra destruir plantações.

A decisão teve efeito quase instantâneo. Em 2023, primeiro ano após a proibição, tanto a área de cultivo quanto o volume da produção caíram 95%¹³. O mercado externo também sentiu as consequências. O preço do ópio disparou e chegou ao maior patamar em 20 anos. Quando eu vi esse dado, eu lembrei logo da lei da oferta e da procura, um clássico do capitalismo. E imaginei que o Talibã tava querendo controlar o mercado. Mas o Áureo Toledo, o professor de relações internacionais que eu entrevistei, me explicou que tem outros motivos envolvidos. Um deles é evitar que grupos de oposição sejam financiados pelo ópio, assim como o Talibã um dia foi. O outro é repetir uma das estratégias do primeiro banimento: mostrar uma nova imagem para buscar ajuda financeira de outros países.

[Áureo Toledo]: Nesse momento, me parece que esse banimento é de novo uma tentativa do Talibã de jogar com um cenário internacional, né? Nós estamos então agora num contexto diferente daquele do final dos 90 começo dos 2.000. E esse contexto nós temos China, Rússia, Índia, nós temos atores regionais ali que são significativos. E, particularmente, no caso do Afeganistão, um ator que vai ter um peso significativo para o futuro do país é a China. Então me parece que isso pode ser uma tentativa de mostrar que nós estamos de fato interessados em romper com essa economia da papoula do ópio aqui no Afeganistão, e gostaríamos de receber o apoio de vocês.

[Leonardo Aquino]: E esse apoio econômico internacional é fundamental pra tirar a economia do país da dependência do ópio, com o perdão do trocadilho. Segundo a ONU, em 2018, no auge da produção, o ópio representava 11% do PIB do Afeganistão¹⁴. Depois da proibição, outras culturas estão ocupando as terras onde antes se plantavam as papoulas. Especialmente o trigo. Mas os fazendeiros estão contrariados. É que nem o trigo nem qualquer outra atividade desenvolvida por lá gera tanto dinheiro pra eles quanto o ópio. Pra

¹² <https://www.un.org/en/video/talibans-poppy-ban-afghanistan-can-it-work>

¹³ <https://news.un.org/pt/story/2023/11/1823142>

¹⁴

https://www.unodc.org/documents/crop-monitoring/Afghanistan/Afghanistan_opium_survey_2023.pdf

sair dessa, o Afeganistão vai precisar de duas coisas que nunca teve na história recente. A primeira: um governo mais centralizado e menos fragmentado entre as maiores cidades e as regiões rurais. E a segunda: políticas públicas.

[Áureo Toledo]: O governo tem que garantir uma infraestrutura para que essa pessoa consiga escoar a sua produção. Tem que ter estrada, tem que ter um canal, tem que ter, enfim, alguma empresa que compre. Tem que ter política pública, né, para permitir que essa essa nova economia floresça. O problema tá aí. Esses investimentos são caros e demora um tempo até dar retorno. Então, nesse momento, esse banimento agora, num curto prazo, vai trazer sérios problemas econômicos para o país. Uma parcela da população vai ficar desassistida, vai passar por dificuldades.

[Leonardo Aquino]: E sobre o Afeganistão assim também, fiquei impressionado como agora eles estão vivendo num outro momento de banimento. Porque não tem nenhuma outra atividade econômica...

[Janaína Versiani dos Anjos]: Mas existem grandes fazendeiros, existem pequenos fazendeiros, existem grandes fazendeiros que contrataram chineses para colocar placa solar para extrair água¹⁵¹⁶ porque a papoula precisa de muita água, o solo é árido e para fazer a extração da água você precisa perfurar o poço. E para você ter esse sistema de irrigação funcionando, tem instalação de placas solares chinesas. São grandes fazendeiros. Não é, não é barato instalar quilômetros de placa solar. Então não é só isso. Eles provavelmente fizeram na fazenda pequena, não fizeram na fazenda de um grande produtor. E a gente não sabe até que ponto isso também é para aumentar o preço, né? Então assim: eu particularmente não imagino o mundo sem morfina. Não imagino o mundo sem ópio. Eu acho que isso nunca iria acontecer.

[Leonardo Aquino]: No próximo episódio de Torpor, a gente vai te explicar por que o mundo não precisa mais de papoulas pra viver uma crise de opioides. A gente vai falar dos opioides sintéticos. O fentanil é o mais conhecido deles. Ele

¹⁵ <https://www.bbc.com/news/science-environment-53450688>

¹⁶ <https://www.economist.com/asia/2019/05/16/cheap-solar-panels-boost-the-afghan-poppy-crop>

protagoniza a atual onda das overdoses em massa nos Estados Unidos e começa a ser encontrado em apreensões no Brasil.

Torpor é um podcast produzido pela Apneia Conteúdo com o apoio do Instituto Serrapilheira e do Fundo para Investigações e Novas Narrativas sobre Drogas da Fundação Gabo. Eu sou Leonardo Aquino e fiz a produção, reportagem e roteiro, e apresento o podcast junto com a Janaína Versiani dos Anjos, que é a consultora científica. A edição é do Caio Santos, da Griô Podcasts. A identidade sonora e as trilhas originais são do Gabriel Falcão. A identidade visual, as ilustrações dos episódios e o desenvolvimento do site do podcast são da Mariana Tavares. A estratégia de conteúdo e as redes sociais são da Marina Tavares. A locução foi gravada no estúdio Carranca, no Recife. Este episódio usou áudios da TV Globo, da BBC e do filme chinês "A Guerra do Ópio", de 1997. Para conteúdo adicional, transcrições dos episódios e links das redes sociais, acesse www.torpor.com.br.